

Alfredo Kingo Oyama Homma\*

Autores de pimenta-do-reino no período de 1973/79

INTRODUÇÃO



No Brasil a pimenta-do-reino é cultivada quase que exclusivamente na Região Norte que detém 99% da produção nacional. O Estado do Pará se constitui no principal centro produtor do País com 95% da produção total e uma área cultivada estimada em quase 20 mil hectares. A produtividade média no Estado é de 2,5 kg/planta, porém, entre diferentes estratos de produtores, esta produtividade pode variar de 1,5 a 4,0 kg/planta.

De acordo com os indicadores disponíveis, no período de 1973/79 a área cultivada com pimenta-do-reino em produção, sofreu uma expansão da ordem de 24%, enquanto o aumento da produção foi de aproximadamente 13%. Nota-se, dessa forma, uma tendência de decréscimo no rendimento médio por hectare, estimada em 4%. Possivelmente, essa situação se deve a formação de novos pimentais destinados a compensar as perdas causadas pelo *Fusarium*, o abandono de pimentais doentes e a democratização da cultura, hoje efetuada também por pequenos produtores.

A estrutura produtiva da cultura da pimenta-do-reino no Estado do Pará tem se modificado profundamente nos últimos 15 anos. O *Fusarium solani* f. *piperis* que surgiu na Região de Tomé-Açu por volta de 1965, tem contribuído para o deslocamento das áreas tradicionais para novas áreas, como já vem ocorrendo ao longo das rodovias Belém-Brasília e Belém-São Luís e reduzindo a vida útil da pimenteira, que em condições normais, apresentava um

\* Pesquisador do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, Caixa Postal 48, Belém, Pará.

período de longevidade superior a 15 anos. Porém, na Região Norte em virtude da fusariose, este período, em média, não ultrapassa aos 8 anos. Conseqüentemente, o produtor é obrigado a ter pimentais com diversas faixas de idade para compensar as perdas futuras por *Fusarium*. Verifica-se ainda, que em média, os produtores de pimenta-do-reino no Estado do Pará, possuem 50% de pimentais novos, como pimental de risco (para compensar as perdas por *Fusarium*) e pimental de expansão (para aumentar a produção). Isto concorre para o aumento nos custos de produção, diminuindo, a margem do lucro da exploração em relação às décadas anteriores(1). Ressalta-se ainda o fato do produtor ter desenvolvido métodos de plantio da pimenta-do-reino em combinações, envolvendo pelo menos 10 sistemas de produção distintos, procurando melhor utilizar os seus recursos disponíveis comportando-se de maneira dinâmica frente aos diversos fatores negativos, principalmente, da expansão do *Fusarium*, quer através de opções com novas culturas ou através de um pimental de risco e/ou expansão (5).

A manutenção dos sistemas atuais de exploração da pimenta-do-reino, depende consideravelmente, do "preço do mercado externo", já que cerca de 85% da produção do Estado do Pará, se destina ao exterior. Neste caso sendo o preço satisfatório, permitindo cobrir os custos de produção, os sistemas utilizados não deverão sofrer alterações, mas sim, algumas adaptações destinadas a manter o equilíbrio. Nessa situação, condicionantes à pipericultura no Estado do Pará, não se referem exclusivamente ao *Fusarium*, mas, também, aos aumentos dos custos de produção, a capacidade de adaptação do agricultor para as cotações vigentes nos mercados e o crescimento da oferta nacional e internacional ao crescimento da demanda mundial.

A produção da pimenta-do-reino representa 22,5% do valor bruto da produção agropecuária da Região Norte, significando uma média de 23 milhões de dólares ao ano de receita cambial para o Brasil decorrente de exportações. No que se refere aos países pro

dutores de pimenta-do-reino, no período de 1977/78, quatro concentram cerca de 94,82, a saber: Brasil (28,00%), Indonésia (23,18%), Índia (22,80%) e Malásia (20,84%). Quando às quantidades de pimenta-do-reino exportadas, os quatro países acima citados concentraram 96,04%, sendo Indonésia (29,68%), Malásia (27,61%), Brasil (20,07%) e Índia (18,68%), referentes à média do período de 1977/78. Esta situação coloca a produção de pimenta-do-reino do Brasil atualmente como primeiro produtor mundial e terceiro exportador no mercado internacional. Contudo esta dependência do mercado internacional revela a necessidade de conhecer o comportamento do crescimento das importações dos países consumidores e das exportações a fim de analisar as perspectivas que se apresentam para a pipericultura do Estado do Pará que nos últimos anos vem mostrando grande taxa de crescimento.

## II - MATERIAL E MÉTODOS

O objetivo deste trabalho foi analisar as tendências de crescimento das importações e exportações mundiais, por continentes e alguns países produtores selecionados e sua comparação com a do Estado do Pará, com vistas a evidenciar as perspectivas da pipericultura para este Estado a curto, a médio e a longo prazo.

Os dados básicos utilizados neste estudo são de fontes secundárias. As séries cronológicas de exportação e importação são publicadas pela FAO e referem ao período 1960-78. As séries de produção e exportação brasileira foram obtidas da FIBGE e CACEX (4 e 5).

Os valores de consumo per capita de pimenta-do-reino, população dos países e renda per capita variaram de 1976 a 1978, segundo a disponibilidade de pares homogêneos de dados para cada um dos países envolvidos.

Foram estimadas diversas equações de regressão linear, compreendendo dois períodos distintos, 1960-70 e 1971-78 para as importações e exportações mundiais e por continentes. Para a pro

dução e exportação do Estado do Pará, além dos períodos acima referidos, foi feito o desdobramento para os períodos 1972-79 e 1973-78. As projeções para o período 1980-85 foram feitas a partir das taxas de crescimento encontradas para o período 1971-78.

III - RESULTADOS E DISCUSSÃO



O exame da Tabela 1 mostra que os países produtores de pimenta-do-reino apresentam alta densidade populacional em comparação com a do Brasil. Nesta comparação, Madagascar apresenta praticamente a mesma densidade populacional brasileira, porém bastante superior se compararmos com a do Estado do Pará. Em relação a área, Madagascar, Malásia e Sri Lanka apresentam proporções bastante inferiores a do Estado do Pará. Quanto a Índia e a Indonésia, apesar da grande dimensão relativa, a alta taxa de densidade populacional deverá constituir limitações futuras para a expansão da pipericultura. Portanto analisando sob a ótica da densidade populacional e da área territorial disponível não será temeroso afirmar as restrições futuras para expansão da pipericultura nestes países.

A relação entre o consumo e a renda per capita dos principais países consumidores pode ser vista na Figura 1. Esta estimativa feita através dos volumes das importações dos países em 1977 mostra uma correlação positiva entre a renda e o consumo de pimenta-do-reino para grandes grupos de países. Apesar dos dados estarem sujeitos a certas precauções mostram uma indicação geral do padrão de desenvolvimento no consumo entre grupos de países, bem como para alguns países isolados (2).

A época de colheita de pimenta-do-reino varia entre os diversos países produtores (Tabela 2). A Índia apresenta sua produção no início do primeiro semestre, destinando porém o grosso de sua produção para os países socialistas, em especial para a União Soviética. Quanto aos demais países produtores acham-se dis

TABELA 1 - Área, população, densidade populacional e relação área dos países com a área do Estado do Pará dos principais produtores de pimenta-do-rei no do mundo.

PAÍS	ÁREA (Km <sup>2</sup> )	POPULAÇÃO (hab.)	DENSIDADE POPULACIONAL (hab/km <sup>2</sup> )	RELAÇÃO ÁREA DO PAÍS/ÁREA DO ES- TADO DO PARÁ
Brasil	8.511.965	119.670.000 (1978)	14,06	6,82
Índia	3.287.590	625.820.000 (1977)	190,36	2,63
Indonésia	1.904.256	143.228.000 (1977)	75,21	1,53
Madagascar	587.041	8.520.000 (1977)	14,51	0,47
Malásia	329.747	12.600.000(1976) <sup>4</sup>	38,21	0,26
Sri Lanka	65.610	13.970.000 (1977)	212,92	0,05
Pará	1.248.042	2.710.900 (1977)	2,17	1,00

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 2 - Época de colheita de pimenta-do-reino nos principais países produtores

TIPO	PAÍS	MESES (JANEIRO A DEZEMBRO)											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Pimenta preta	Brasil												
	Índia												
	Indonésia												
	Madagascar												
	Malásia												
	Sri Lanka												
Pimenta branca	Brasil												
	Indonésia												
	Malásia												

Fonte: ITC/UNCTAD/GATT

tribuídos no segundo semestre. A posição do Brasil como fornecedora principal do mercado norte americano coloca em situação privilegiada a sua venda logo após a safra, dada a maior capacidade de reunião da produção bem como a sua distribuição no mercado externo (6).

Quanto as importações de pimenta-do-reino no mundo por países, territórios e dependências em 1978 segundo diferentes estratos de volume importado pode ser vista abaixo:

Menos de 100 t - Angola, Cabo Verde, Chade, Gabão, Costa do Marfim, Maurício, Moçambique, Seychelles, Serra Leoa, Zâmbia, Afeganistão, Brunei, Índia, Indonésia, Sri Lanka, Líbano, Barbados, Belize, Costa Rica, São Salvador, Groelândia, Guadalupe, Honduras, Martinica, Nicarágua, Panamá, Islândia, Equador, Brasil, Guiana Francesa, Bolívia, Fiji, Polinésia Francesa e Nova Caledônia.

Entre 100 e 500 t - Senegal e Sudão; República Dominicana, Guatemala, Haiti, Jamaica, Trinidad e Tobago; Chile, Colômbia, Uruguai, Peru, Guiana, Macau, Jordânia, Bahrein, União dos Emirados Árabes, Iraque; Bulgária, Finlândia, Noruega, Portugal, Nova Zelândia.

Entre 500 e 1.000 t - Tunísia, México, Venezuela, Israel, Coréia do Sul, Síria, Turquia, Hong Kong, Áustria, Dinamarca, Alemanha Oriental, Grécia, Suécia, Iugoslávia.

Entre 1.000 a 5.000 t - Egito, Marroco, Canadá, Argentina, China, Irã, Arábia Saudita, Malásia, Bélgica, Tchecoslováquia, Hungria, Itália, Holanda, Polônia, Romênia, Espanha, Suíça.

Entre 5.000 e 10.000 t - Japão, França, Alemanha Ocidental, Inglaterra.

Entre 10.000 e 20.000 t - União Soviética.

Entre 20.000 e 30.000 t - Estados Unidos.

Acima de 30.000 t - Cingapura.

O comportamento das importações no período 1960-70 mostrou um crescimento global de 4.000 toneladas/ano apresentando u ma taxa geométrica de crescimento de 5,4% ao ano. Os continentes que apresentaram os maiores incrementos nas importações foram a Europa, América do Norte e Central, União Soviética, Ásia, África, América do Sul e a Oceania. Em termos de Crescimento relativo, a União Soviética foi a que apresentou a maior taxa de crescimento no período (11,4%) e o menor a Oceania (3,7%) (Tabela 3).

No período 1971-78 o crescimento mundial foi em torno de 6.000 toneladas anuais. Estes crescimentos foram distribuídos na seguinte ordem: Ásia, Europa, América do Norte e Central, União Soviética, América do Sul e a Oceania. Com relação ao crescimento relativo, houve decréscimos em relação ao período anterior para o Mundo, Europa, América do Norte e Central, América do Sul, Oceania e União Soviética e aumento para a África (Tabela 3).

Tanto no período 1960-70 como no período 1971-78 o alto volume e crescimento das importações se devem em grande parte as aquisições efetuadas pela Cingapura para re-exportação. Em ambos os períodos analisados o continente europeu apresentou um comportamento regular nas importações o que não aconteceu para os demais continentes.

No caso das exportações, em 1978 segundo o volume efetuado por países, territórios e dependências podem ser classificadas da seguinte forma:

Menos de 100 t - Camarões, Costa do Marfim; São Salvador, Jamaica, Trinidad e Tobago; Nova Zelândia; Brunei, Coreia do Sul, Macau, Arábia Saudita; Áustria, Bélgica, Dinamarca, Irlanda, Itália, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça.

Entre 100 e 500 t - Guatemala, Honduras; Bahrein, Hong Kong; França, Alemanha Ocidental, Inglaterra.

Entre 500 e 1.000 t - Sri Lanka; Holanda.

BELA 3 - Importação de pimenta-do-reino no Mundo, Europa, Ásia, América do Norte e Central, América do Sul, África, Oceania e URSS  
1960/1978 (t)

Ano	Mundo	Europa	Ásia	América do Norte e Central	América do Sul	África	Oceania	URSS
1960	61.878	15.254	18.314	20.137	762	2.592	819	4.000
1961	77.022	18.071	30.857	17.936	1.793	3.612	892	3.861
1962	75.505	19.229	26.328	20.157	1.942	3.625	859	3.365
1963	94.202	21.497	37.857	22.515	1.971	3.422	1.040	5.900
1964	75.476	21.935	16.093	23.690	2.012	3.232	914	7.600
1965	84.440	22.229	23.957	25.315	2.112	3.684	1.043	6.100
1966	78.697	24.354	19.104	19.398	2.357	4.368	916	8.200
1967	103.772	27.795	27.831	29.032	2.474	6.246	1.094	9.300
1968	104.454	27.881	28.198	27.863	2.374	6.386	1.152	10.600
1969	110.477	28.309	35.121	27.716	2.741	4.580	1.010	11.000
1970	100.326	26.839	31.542	25.187	2.232	5.001	1.225	8.300
1971	115.006	32.025	33.888	31.941	3.092	6.002	1.158	6.900
1972	118.223	33.884	32.006	28.115	2.897	8.296	1.325	11.700
1973	114.881	37.843	30.752	29.030	2.501	4.057	1.198	9.300
1974	120.520	36.232	34.756	29.998	3.009	6.909	1.466	8.150
1975	124.154	36.479	40.399	28.904	2.878	5.810	1.367	8.317
1976	144.435	41.206	51.654	30.877	2.007	6.128	1.364	11.199
1977	137.707	42.439	43.496	30.684	2.689	6.913	1.442	10.042
1978	156.761	44.193	54.082	33.263	3.209	9.796	1.333	10.885
TCG(% a.a)								
1960/70	5,4	5,8	7,3	4,8	12,3	8,5	3,7	11,4
1971/78	4,0	4,1	7,3	2,1	6,0	11,6	3,0	6,8



Entre 1.000 e 5.000 t - Egito, Madagascar, México, México, Estados Unidos.

Entre 10.000 e 20.000 t - Índia.

Entre 20.000 e 30.000 t - Brasil, Malásia.

Entre 30.000 e 40.000 t - Indonésia.

Acima de 40.000 t - Cingapura.

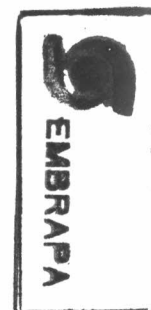
A Cingapura aparece como sendo o maior importador e exportador, contudo não corresponde como sendo o maior produtor ou consumidor, funcionando apenas como um entreposto comercial dos países produtores vizinhos, prática esta comum também a um grande grupo de países.

O comportamento da exportação de pimenta-do-reino para o mundo e os continentes no período 1960-70 tiveram um acréscimo médio de cerca de 5.000 toneladas anuais no período considerado, apresentando uma taxa de crescimento geométrico de 6,2%. O maior incremento registrado no período foi a da América do Sul, seguindo-se pela África, Ásia, Europa e América do Norte e Central. A Ásia apesar do seu baixo acréscimo anual apresenta um grande volume de exportação. Observa-se um comportamento irregular da Ásia em comparação com a da América do Sul. Em termos relativos, a América do Norte e Central é a que apresentou a maior taxa geométrica de crescimento (23,2%), seguindo-se pela América do Sul (20,2%).

Para o período 1971-78, houve uma modificação sensível no mecanismo da exportação para os continentes. O incremento mundial ficou em cerca de 6.000 toneladas anuais, perfazendo uma taxa geométrica de crescimento de 4,0% ao ano. Em termos de volume a Ásia participou com a mais da metade do incremento anual mundial, seguindo-se pela América do Sul, América do Norte e Central, África e Europa. Houve um sensível incremento na taxa geométrica de crescimento para a Europa (24,4%) e o menor a da Ásia (2,9%) (Tabela 4).

TABELA 4 - Exportação de pimenta-do-reino no Mundo, Ásia, América do Sul, África, América do Norte e Central e Europa - 1960/1978 (t)

Ano	Mundo	Ásia	América do Sul	África	América do Norte e Central	Europa
1960	69.078	59.498	1.927	1.163	630	-
1961	81.077	76.145	2.947	1.545	225	215
1962	86.329	81.585	2.763	1.246	294	441
1963	98.318	94.070	2.380	1.381	296	191
1964	77.936	70.499	4.053	2.723	429	232
1965	88.445	78.010	7.403	2.375	-	265
1966	90.059	80.982	6.381	1.985	-	269
1967	129.486	115.562	9.672	2.724	1.138	390
1968	133.445	117.685	9.748	4.680	1.090	242
1969	115.700	95.346	14.631	4.750	690	283
1970	103.381	89.052	9.093	2.702	2.235	299
1971	124.835	103.543	17.360	1.826	1.796	310
1972	130.753	109.692	14.367	4.492	1.863	339
1973	124.309	103.543	13.833	4.077	2.213	643
1974	127.032	104.365	15.645	3.268	3.134	620
1975	132.694	105.802	18.044	4.796	3.475	577
1976	154.678	125.931	20.259	4.275	3.313	900
1977	145.559	118.667	17.831	4.716	3.334	1.011
1978	169.832	130.586	29.957	3.776	3.736	1.776
TCG %a.a						
1960/70	6,2	6,4	20,2	13,5	23,2	7,4
1971/78	4,0	2,9	10,1	12,6	9,6	24,4



Fonte: Dados básicos FAO.

TABELA 5 - Exportação de pimenta-do-reino pelos principais países produtores - 1970/78 (t)

ANO	BRASIL	ÍNDIA	INDONÉSIA	MALÁSIA	MADAGASCAR	SRI LANKA
1970	9.018	19.691	2.650	24.406	2.227	858
1971	17.325	16.973	24.239	26.917	1.434	45
1972	14.297	21.043	25.984	26.178	4.187	105
1973	13.761	27.697	25.900	22.835	3.740	2.052
1974	15.490	28.856	15.919	28.937	2.898	338
1975	17.944	24.445	15.246	30.355	4.500	96
1976	20.240	17.933	30.831	39.732	3.943	85
1977	17.710	24.882	33.410	30.000	4.500	913
1978	29.957	19.370	37.000	31.000	2.550	800
TCG(%a.a)	10,1	6,8	11,7	7,2	15,3	26,5

Fonte: Dados básicos FAO e CACEX

TABELA 6 - Importação e exportação de pimenta-do-reino nos países desenvolvidos, em desenvolvimento e de economia centralizada - 1970/1978 (t)

ANO	Importação			Exportação		
	Países desenvolvidos	Países em desenvolvimento	Países economia centralizada	Países desenvolvidos	Países em desenvolvimento	Países economia centralizada
1970	49.793	35.611	14.922	824	102.537	20
1971	61.591	39.778	13.637	875	123.940	20
1972	60.234	39.112	18.877	1.067	129.666	20
1973	65.835	32.781	16.065	1.837	122.471	1
1974	63.165	41.448	15.907	2.026	124.974	32
1975	62.639	45.254	16.261	1.561	131.133	-
1976	73.413	52.357	18.665	2.171	152.506	1
1977	74.551	44.998	18.156	2.061	143.448	50
1978	77.380	58.681	20.700	3.215	166.617	-
TCG(%aaa)	5,0	5,7	4,7	16,3	5,5	-

Fonte: Dados básicos FAO

Os países produtores, que apresentaram maiores acréscimos anuais nas exportações no período 1971-78, foram em ordem decrescente, seguindo-se o Brasil, Malásia, Madagascar, Sri Lanka e Índia. Os baixos coeficientes de determinação obtidos para os países citados evidenciam a instabilidade dessas exportações, o que não é observável para o caso brasileiro. Dos países produtores, a Índia apresentou a menor taxa de crescimento geométrico da exportação (6,8%), seguindo-se a Malásia (7,2%), Indonésia (11,7%), Madagascar (15,3%), Brasil (10,1%) e Sri Lanka (26,5%). Contudo o crescimento de Madagascar e Sri Lanka apesar de serem altos representam um acréscimo físico anual relativo bastante pequeno e com muita oscilação (Tabela 5).

O crescimento das importações e exportações de pimenta do-reino mostram o comércio internacional movendo dos países em desenvolvimento em direção aos países desenvolvidos e de economia centralizada (3). Em termos relativos os países em desenvolvimento apresentaram uma maior taxa geométrica de crescimento nas importações (5,7%), talvez uma indicação das futuras tendências de expansão com a melhoria do nível de renda desses países. O alto valor encontrado na taxa de exportação dos países desenvolvidos (16,3%), que apesar do pequeno volume indica a presença de operações triangulares, que poderia ser atingido diretamente pelos próprios países produtores (Tabela 6).

No que concerne as importações por categorias de desenvolvimento de mercados, os países desenvolvidos vem importando uma média de 50% do total mundial, os países em desenvolvimento cerca de 35% e os países de economia centralizada em 15%. Quanto as exportações o grosso tem sido efetuado pelos países em desenvolvimento.

Quanto aos preços podemos observar na Figura 2, referentes a pimenta preta no mercado de New York no período 1890-79, que no início da década de 50, os preços externos estiveram excessivamente elevados. As hipóteses acerca dos motivos que proporciona

ram essa elevação nos preços foram a destruição e abandono dos pimentais sob cultivos racionais por ocasião da II Guerra Mundial e lutas civis na Índia e Sudeste Asiático, problemas de ordem fitossanitária e o crescimento acentuado da indústria alimentícia (7).

Após meados da década de 50, os níveis de preços assumiram novo patamar, menor do que os elevados preços provocados pela crise acima, com flutuações irregulares em torno de um eixo descendente. A década de 60 caracterizou com flutuações irregulares em torno de um eixo horizontal com tendência ascendente na década de 70.

A taxa de crescimento da produção e exportação de pimenta-do-reino do Brasil até agora analisada é entendido como sendo a do Estado do Pará. A produção do Estado do Pará tem crescido a uma taxa de 4.000 toneladas anuais no período 1971-78. No que se refere as exportações esta tem apresentado um crescimento anual superior a 1.500 mil toneladas anuais. A evolução da produção mostra a mudança brusca no sentido do crescimento da produção a partir de 1972 e da exportação em 1973.

As projeções efetuadas para o período 1980-85 mostram a participação crescente das exportações brasileiras no total mundial. Aceitando a premissa da produção de pimenta-do-reino no Brasil crescer as mesmas taxas de crescimento da década anterior (14,3%), haverá a necessidade da exportação nacional crescer a taxas 5% superiores a efetuada no período anterior (1971-78) dada a limitação do consumo interno crescer a taxa do incremento populacional. Espera-se que no final do período projetado as exportações brasileiras representem cerca de 37% do total mundial, praticamente o dobro de 1978 (Tabela 7).

Considerando as taxas de crescimento verificadas no período 1971-78 para a importação e exportação mundial, verifica-se como sendo de equilíbrio, portanto pode-se caracterizar o cará-

TABELA 7 - Estimativas e projeções de importações e exportações mundiais, exportações da Ásia, África e do Brasil de pimenta-do-reino, 1980-85.

ANO	Importação Mundial 1000 t	Exportação Mundial 1000 t	Exportação Ásia 1000 t	Exportação África 1000 t	Exportação Brasil 1000 t
1980	169	184	138	4,8	36
1981	176	191	142	5,4	40
1982	183	198	146	6,0	44
1983	191	206	151	6,8	48
1984	198	215	155	7,7	53
1985	206	223	160	8,7	59
TCG(% a.a.)	4,0	4,0	2,9	12,6	10,1

Fonte: Dados da pesquisa

TABELA 8 - Estimativas e projeções da produção, consumo interno, exportação de equilíbrio e exportação desejada de pimenta-do-reino no Brasil.

ANO	Produção (t)	Consumo Interno (t)	Exportação de Equilíbrio 1000 t)	Exportação desejada (1000 t)
1980	52.956	17.882	36	35
1981	60.422	18.419	40	42 (+ 2)
1982	68.942	18.971	44	50 (+ 6)
1983	78.664	19.541	48	59 (+ 11)
1984	89.754	20.127	53	70 (+ 13)
1985	102.410	20.731	59	82 (+ 23)
TBC(% a.a.)	14,3	3,0	10,1	15,1

Fonte: Dados de pesquisa.



ter desestabilizador das exportações brasileiras no comércio externo, mantidas as mesmas taxas de crescimento para a Ásia e a África. O aspecto irregular das exportações asiáticas, pode ser uma componente que aliviará as possíveis pressões originadas da oferta brasileira, mantidos os mesmos padrões de consumo dos países importadores até o final deste quinquênio (Tabela 8).

#### IV - CONCLUSÕES

A curto e a médio prazo poderá surgir problemas relacionados ao mercado da pimenta-do-reino produzida no Estado do Pará, porém a longo prazo as perspectivas de expansão mostram ser animadoras devido ao esgotamento das possibilidades de produção de outros países concorrentes.

Os países da América do Sul e Central, com exceção da Argentina, são pequenos importadores, menos de 1.000 toneladas anuais. Contudo dada a localização, o Brasil não deve perder a oportunidade de expansão do mercado latino americano. Atualmente os países europeus, Estados Unidos e Japão representam os maiores consumidores de pimenta-do-reino. Parece existir uma correlação direta entre a renda e o consumo de pimenta-do-reino, indicando com certas limitações a ampliação do mercado no futuro em vista do maior desenvolvimento sócio-econômico destes países.

A análise da importação e exportação mundial para o período 1971-78 indicam que estas cresceram a taxas geométricas de crescimento idênticas indicando que havia uma certa estabilidade no mercado mundial de pimenta-do-reino. Neste período considerado as importações e exportações mundiais cresceram em termos físicos a razão de 6 mil toneladas anuais, com a Ásia participando com mais da metade desse crescimento e a América do Sul com 1/4 do total mundial. Ressalta-se que em termos relativos o crescimento geométrico anual das exportações da Ásia foi de 2,9% enquanto a da América do Sul cresceu a uma base de 10,1%.

uma participação crescente das exportações brasileiras de pimenta-do-reino no total mundial. Dada a limitação do consumo doméstico de pimenta-do-reino que deverá crescer em proporção do crescimento populacional, sugere-se que a taxa de crescimento geométrico das exportações brasileiras deverá crescer a razão de 15,1% ao ano, do contrário a partir de 1982 começará a formação de excedente não exportável, mantidas as outras taxas de crescimento constante. O exportador nacional deverá envidar maiores esforços na busca de novos mercados, criação de novos fluxos de comercialização para atingir mercados não-tradicionais. No que concerne ao setor produtivo, o aumento percentual de produção de pimenta branca será uma exigência provável dos novos mercados a serem atingidos, principalmente o europeu, que tem preferência por este tipo de pimenta. A redução dos custos de produção afim de manter a competitividade no mercado internacional será necessária dado o aspecto dos países concorrentes da Ásia diminuírem o percentual de operações triangulares com Cingapura, negociando diretamente com os países consumidores.

O resultado evidencia também a possibilidade do setor produtivo nacional de pimenta-do-reino em desequilibrar a oferta mundial, uma vez que esta vem apresentando altas taxas de crescimento. Neste caso a participação do Brasil na Comunidade dos Países Produtores de Pimenta-do-Reino, criado em 1972, com o intuito de controlar as oscilações constantes nos preços mundiais, pode revelar interessante o estabelecimento de política de quota de produção. A longo prazo um primeiro passo para a cooperação internacional consistiria no estabelecimento de informações acuradas sobre a produção, planos de expansão e comercialização. Com base nestas informações procuraria harmonizar a produção e a política de mercado entre os países produtores.

As restrições ao incremento da produção nacional de pimenta-do-reino situam-se mais a nível externo do que interno, uma vez que as perspectivas de produções são as mais amplas, despeito do



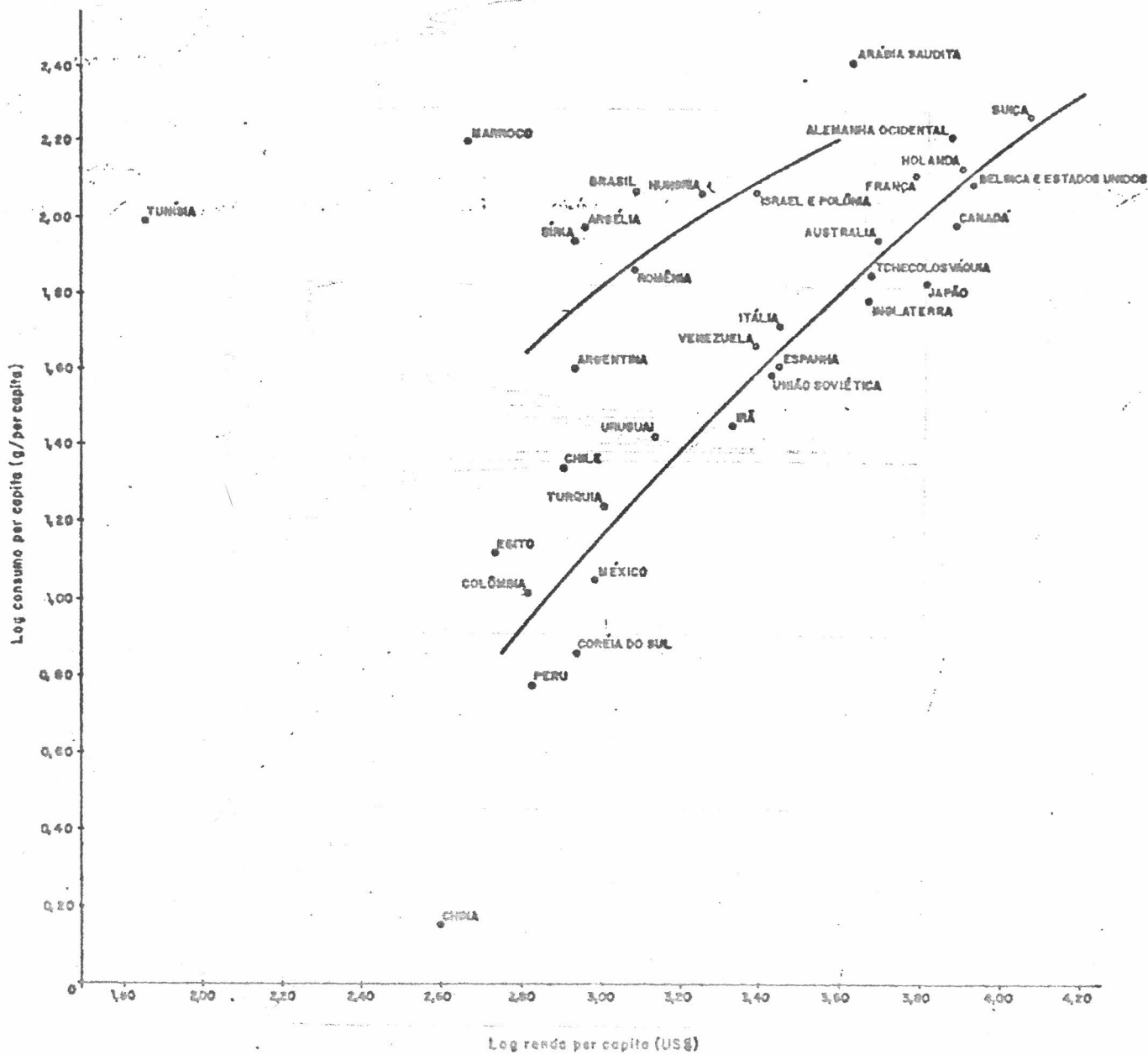


Fig. 1 - Relação entre renda per capita e consumo per capita de pimenta-do-reino, 1976/78.

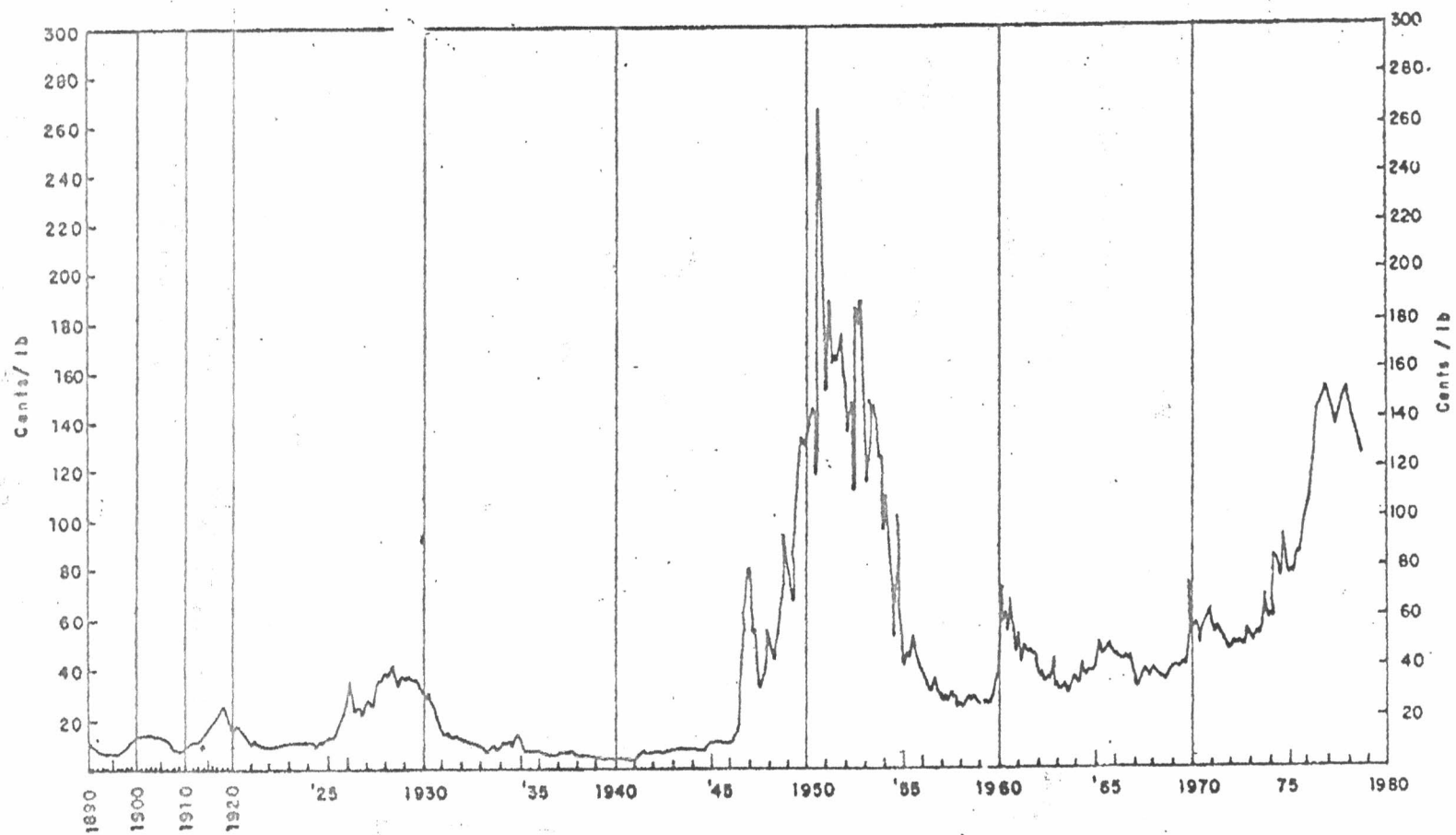


Fig. 2 - Preço médio de pimenta-do-reino tipo preta no mercado de New York-  
1890/1979

ataque de certas moléstias. A ampliação do mercado externo deverá também estar acompanhada de um processo de divulgação e na busca de outras alternativas de uso e de iniciar a ampliação de novos plantios a taxas adequadas, visando a recuperação dos pimentais de cadentes (1/8 a 1/10 da área plantada) e de áreas a serem ampliadas de acordo com o crescimento do mercado interno (3% ao ano) e internacional (4% ao ano).

#### V - LITERATURA CITADA

1. ALBUQUERQUE, F.C. & CONDURU, J.M.P. Cultura da pimenta-do-reino na Região Amazônica. Belém, IPEAN, 1971. 149p. (Fitotecnia, V.2. nº 3).
2. FAO. 1968. Recent trends in the pepper economy. Monthly Bulletin of Agricultural Economics and Statistics, 17 (2): 13-18.
3. FAO. 1971. The marketing of pepper. Monthly Bulletin of Agricultural Economics and Statistics, 20(12): 1 - 9.
4. Food and Agricultural Organization of the United Nations, Trade Yearbook, Rome, vários volumes.
5. HOMMA, A.K.O. & MIRANDA FILHO, L. Análise da estrutura de produção de pimenta-do-reino no Estado do Pará - 1977/78. Belém, CPATU, 1979. 68p. (Comunicado Técnico, 20).
6. ITC/UNCTAD/GATT. Spices: a survey of the world market. Vol. I: Selected markets in Western Europe; Vol. II: Selected markets in North America, Asia and the Pacific Region, the Middle East, and the Socialist countries of Eastern Europe. 1975.
7. PIMENTA-DO-REINO. Mercado em análise. Brasília, 2(5); 4-29, 1976.

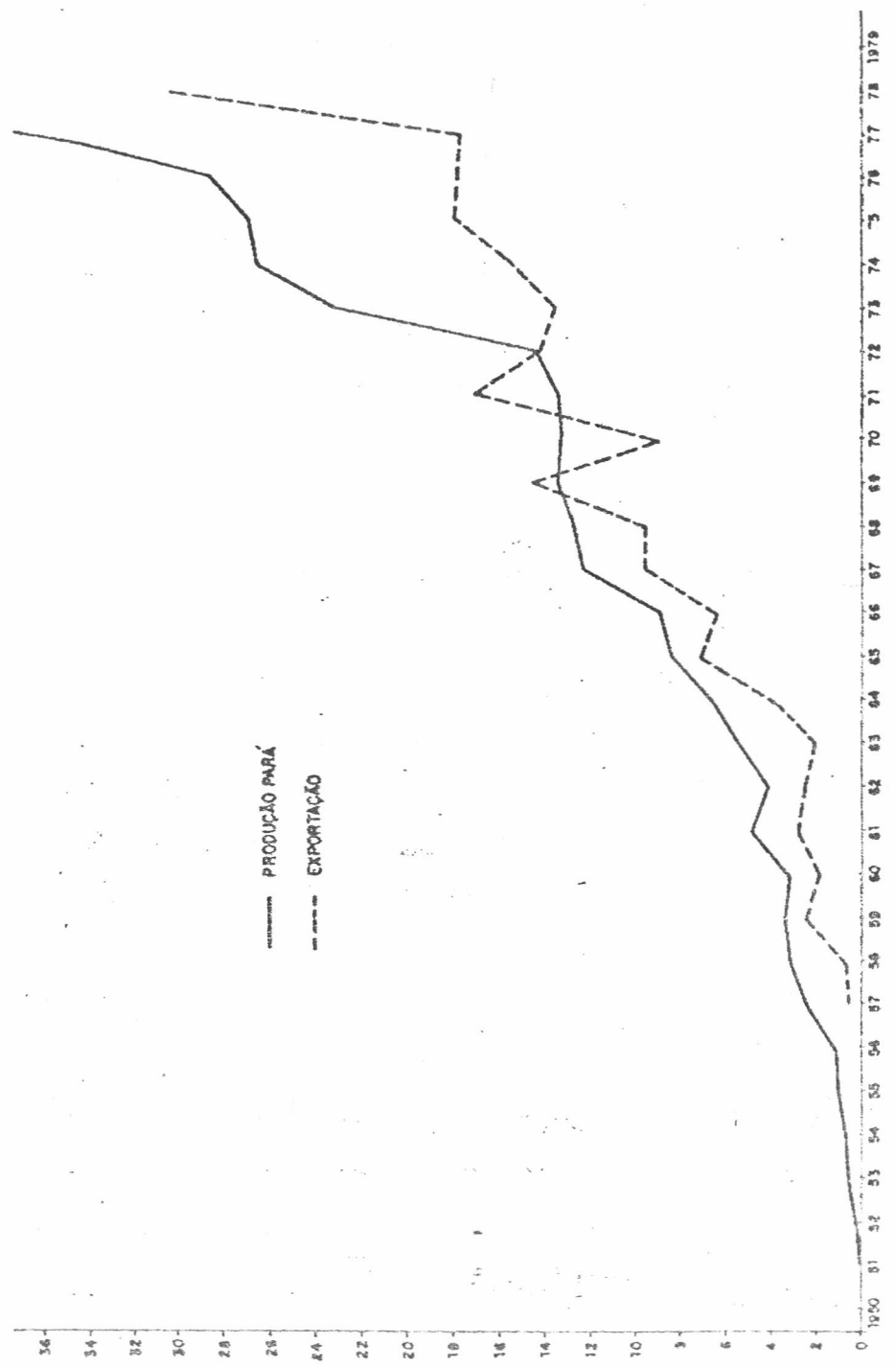


FIG. 3 - Exportação (Brasil) e produção (Para) de pimenta do reino, 1951/79

